

Fortes D'Aloia & Gabriel

Galpão

Rua James Holland 71 | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 3392 3942 | www.fdag.com.br

Eu pisei em Eldorado

Por Barbara Paca

O Mar do Caribe azul-acinzentado ondulando debaixo dos ventos alísios noroestinos corria a embarcação rumo à costa Sul-Americana. Havíamos cruzado o Atlântico sob a constante e fresca influência desses ventos, viajando pelo Mar dos Sargaços, uma zona do Atlântico situada entre as correntes da Espanha Ocidental – da altura de Portugal, fluindo ao sul pela costa Oeste da África para desviar rumo ao Brasil, pela protuberância da costa Africana e a corrente do Golfo.”¹

Frank Walter estava totalmente desperto quando chegou à planície costal de La Guaira, porto da Venezuela, à meia-noite do dia 20 de maio de 1961. De pé sobre a proa do navio, rejubilou ao ver as enormes letras F e W em neon luminoso brilhando sobre a cidade, perfeitamente visíveis do convés. Seus amigos ficaram surpresos, apontavam ao luminoso, comentando a coincidência das iniciais de seu amigo estarem marcadas sobre sua primeira parada, mas Walter não. Ele acreditava que essa iluminação, como tanto em sua vida, era um sinal cósmico – havia sido encenada por uma força maior, para celebrar seu retorno de uma deriva global de oito anos. Isso, estava convencido, era parte de uma forma misteriosa de providência divina que em última instância ordenava sua vida.

Para Walter, a jornada até a Venezuela era monumental porque marcava seu retorno do que era, inicialmente, uma excursão industrial à Grã-Bretanha e à Europa, bem documentada em suas autobiografias, poemas, prosa e registros de áudio, avivada por longas descrições de encontros improváveis e interações atípicas com as pessoas. Entre suas 5000 pinturas, estão muitas composições de paisagem que servem de auxílio visual a seus escritos, incluindo o mar e as noturnas abstraídas acima. Entre essas obras magistrais, nós – espectadores – somos transportados a outro tempo e espaço; um mar refletindo manchas solares em cinza e vermelho, e cenas noturnas aveludadas, caladas, com luzes brilhando esmaecidas, nuvens sombrias e picos negros, todos vistos desde a água.

Walter se mantinha firme à crença de que os sul-americanos eram de longe o povo mais esclarecido, os melhores companheiros de viagem, e que seus estilos de vida civilizados espelhavam o seu próprio. Para Walter, as estrelas se alinhavam no seu retorno à Venezuela; seu regresso era um assunto sério, carregado de uma perspectiva de “retorno”:

Lendo sobre Sir Walter Raleigh, eu havia localizado Eldorado, a cidade de sua perdição, em algum lugar na Venezuela ou na costa caribenha. Qualquer parte da Venezuela tornou-se para mim uma Eldorado, mas seguindo a descrição do lugar narrado por historiadores, acreditava que haveria realmente uma marca, deixada atrás dos morros, que indicaria que Sir Walter Raleigh havia alcançado aquele ponto e não mais além, rumo à sua descoberta da lendária cidade dourada. Ele havia enganado o meu antepassado James VI Rei da Escócia, que tornou-se, em 1603 pelo mesmo dissenso que me alimenta neste livro, Rei da Grã Bretanha 1603-1625.

¹ Todas as citações de Frank Walter são extraídas de seus manuscritos autobiográficos, compilados e arquivados por Barbara Paca.

Chegado numa época politicamente tumultuosa para o governo venezuelano, Walter foi advertido por um policial para que evitasse embarcar no caminho perigoso desde a costa, em La Guaira, para Caracas, no interior. Seguindo o conselho, decidiu subir uma trilha selva adentro, onde sentiu-se feliz por estar em contato mais uma vez com o ambiente natural de que percebeu sentir falta por quase uma década: “A estrada de terra dourada parecia levar para o fundo do mato, conforme as árvores tornavam-se mais grossas, mais altas, com folhagem mais verde do lado da estrada, na escarpa fértil onde o alúvio era de morros erodidos tornados terra espessa”. Ele seguia ao norte, rumo a Guiana. Acreditava agora que era levado por uma profunda força espiritual ao delta do Orinoco, onde possivelmente encontraria povos ameríndios hostis, um encontro que para Walter era eletrizante.

No fim, terminou a jornada antes da hora, voltando para uma cantina em La Guaira, não muito distante do navio. Era sua primeira noite no Caribe desde sua partida em 1953, e ele continuava a buscar mensagens secretas no céu noturno enquanto conversava amigavelmente com os venezuelanos e turistas sul-americanos que encontrou no bar. Feliz de estar reunido com seus irmãos, continuou distraído por coisas que os outros não viam, olhando ao céu a procura de novas revelações, “conforme o efeito luminoso de La Guaira misturava-se ao céu aceso com milhares de estrelas brilhantes, cravadas numa copa de veludo negro, a brisa morna subia até a varanda”.

Outra observação importantíssima feita depois de sua chegada na América do Sul: Frank Walter acreditava que pela primeira vez desde sua partida da Europa recuperava a feição de um homem negro. Escreveu que agora gostava de ser negro, e acrescentou que sua negritude não o fazia sentir nem inferior nem superior aos demais, estipulando que “Eu só me sentia mais próximo às pessoas com quem morava e trabalhava. Por isso ficava contente que eu era pálido na Europa e moreno na América do Sul, onde os fenótipos são tanto claros quanto morenos. Essas compleições, quando as portava, não faziam mais diferença do que o negro faz por mim no Caribe, já que todas as mudanças que eu sentia não eram mais do que mudar a cor das minhas roupas e olhar-me no espelho para ver o efeito.”

Venezuela tornou-se minha maior Abertura do Novo Mundo

O *Surriento*, um transatlântico moderno de 10,698 toneladas, capaz de alcançar a velocidade de 18 nós por hora. O navio tem atributos de importância impressionante. Tem um convés de passeio e um para banhos de sol, e farta acomodação de assentos sobre eles. Há muitas outras acomodações de luxo. Piscinas e bares. Os bares são equipados com sofás modernos e a decoração desses espaços públicos é a mais atraente. São esses os aspectos do navio com que me familiarizei antes de zarpar, e antes de mais nada.

Assim se inicia a história do retorno de Frank Walter à sua terra natal. Sua chegada na América Latina, depois de uma estadia de oito anos na Europa e no Reino Unido, não ocorreu sem fortes emoções ambivalentes. Tendo deixado Antigua, em 1953, um homem nos meados de seus vinte anos, Walter estava cheio da expectativa de dominar novas tecnologias no além-mar, e de voltar para casa como uma espécie de herói industrial, para modernizar o país. Em realidade, suas experiências foram reduzidas pelo racismo institucional. Conforme candidatava-se para cargos com as credenciais de um bem-sucedido gerente de engenhos de cana e homem instruído, seu trabalho foi relegado a funções subalternas como faxinar, servir, e à extenuação repetitiva do emprego operário. Pintar e escrever tornaram-se sua salvação durante o tempo no exterior, e as bibliotecas eram seu principal refúgio, permitindo que ele se aquecesse e consolasse entre os livros. Como católico devoto, as igrejas eram para ele importantes santuários para recompor os pensamentos, servindo também de museus gratuitos, espaços cheios de arte que inspiravam sua própria prática de artista, visível no seu uso potente de luz e cor. O retorno triunfal de Frank Walter à América Latina foi assunto de um livro inédito, intitulado *Homeward Voyage*. Embora só um fragmento do manuscrito sobreviva, não está claro se Walter conseguiu convencer a si mesmo que sua viagem à Europa e ao Reino Unido não tenha sido em vão, e que ele tenha feito um trabalho magnífico ao dominar as competências necessárias para desenvolver novas economias em seu país natal. Frank Walter ansiava por uma vida melhor para seus conterrâneos – uma vida de autossuficiência e segurança alimentar – e se afligia com a pobreza das pessoas, sem acesso à educação, trabalhando nas

plantações onde ele havia trabalhado de feitor². Também tomou nota, cuidadosamente, das comunidades carentes na Europa, escrevendo “Não há nenhum segredo escondido nos confins da Europa. Conheci todo bairro pobre e toda comunidade de trabalhadores, toda comunidade moderna de europeus mais opulentos e os ambientes Aristocráticos.” Acima de tudo, esperava inspirar valores tradicionais para todos que viviam em países emergentes, dotando-os de um sentido de história progressiva equiparável às nações europeias.

Na rota da Europa à Venezuela, Walter documentou os céus passando por Gibraltar, Ceuta e Tenerife. A travessia marítima oferecia a ele uma combinação de experiências encorajadoras, desde calmos momentos de meditação profunda a interações sociais com seus companheiros de viagem mais próximos, majoritariamente sul-americanos. Solitário e gregário, Walter modulava sem esforço o seu “mundo do esquecimento, onde a tranquilidade da solidão para sempre inspira a mente a sondar o cosmo” ou lia o rastro do navio, estudando a bússola e os ventos enquanto esboçava formações de onda. Conforme o Surriente rumava a oeste, Walter começou a sentir o calor caribenho, lamentando-se carinhosamente que teria amado construir uma jangada no meio do Caribe e lá viver para sempre – se não fosse pelos furacões que constantemente atormentam aquele mar. Parecia regozijar-se, descongelando após quase oito invernos gélidos sem aquecimento no Reino Unido e na Europa.

Uma onda sentimental atravessou Frank Walter quando percebeu que estava de volta entre seus “conterrâneos”. Apesar da fragilidade do governo Betancourt e de bolsões isolados de revoltas comunistas violentas, a América do Sul como massa de terra parecia a ele mais segura do que a situação imprevisível que ele receava encontrar em Antigua. Melancolicamente, zarpou para Barbados, Sta. Lucia e depois para casa, fortificado pelas suas experiências no continente sul-americano. Curiosamente, para Walter, as ilhas, incluindo aquela de seu nascimento, eram problemáticas porque suas identidades estavam sempre em mutação, cambiantes como a areia da praia. Sentia-se mais confortável com enormes extensões de terra como a Europa ou a América do Sul, e recontava suas histórias intrincadas com ares magistrais.

Um sentido de mau agouro e tormenta interna pairavam quando o Surriente partiu de La Guaira para a ilha de Barbados: “Como uma criança que aprende a andar, meu coração recusava-se a deixar a costa da Venezuela, seu amparo era nas pessoas com quem eu tinha ido até lá, e aquelas que me cumprimentavam nas ruas como se eu já fosse dali. Suspeitei do que eu ia encontrar em casa. Na Venezuela, me sentia em casa depois de estar em casa na Europa”.

O Regresso

Você tem o mesmo problema que eu. Está distante da África sem a sua Marca Tribal, e eu distante da Europa fora dos meus Castelos e Registros. Mas os que há aqui servem bem o bastante, e também já não faz tanto tempo desde que se rompeu a corrente!

As histórias da vida de Frank Walter envolvem viagens sem fim, que tipicamente começam pelo meio – e já que essa é a primeira introdução do artista ao público sul-americano, vale retornar até o começo de sua vida. Nascido em 1926 na pequena ilha Leeward, em Antigua, Frank Walter dedicou oitenta e três anos a expandir suas fronteiras físicas e teóricas com sua própria história criativa, fundindo milênios de ocupação Arawak, Caraíba, Africana, Britânica e Europeia em uma história incrível.³

Ciente de ser descendente de alemães proprietários de escravos e de africanos escravizados e libertos, Walter empregava sua imaginação ativa para compensar os desafios inerentes a uma realidade familiar em guerra consigo mesma. Embora a infância de Walter também tenha sido prejudicada pela Segunda Guerra Mundial e o mal-estar generalizado de uma pequena ilha-nação, uma parte esquecida do vasto império britânico, recebeu uma boa educação, o que deu a fundação para sua carreira como o primeiro homem negro a receber o título de “gerente” em Antigua. Vários de seus mentores logo reconheceram sua genialidade, incluindo os honoráveis professores da Antigua Grammar School, que também notaram sinais de comportamento neurodivergente. O apoio da escola, junto à orientação de sua família, numa espécie de sistema de guildas

² “Havia me envergonhado daquelas casas escassas, não das pessoas que ali viviam. Olhava para baixo para o telhado de alguma Cabana aninhada ao pé da ribanceira em Vernons ou North Sound, e me perguntava ‘Não deveriam essas pessoas ser glorificadas?’ Não deveria eu jogar tênis com elas à tarde, ou bilhar no Clube de noite?”

³ Para saber mais sobre a vida de Frank Walter, acesse www.frankwalter.org. No site é possível baixar livros do artista que já estão fora de catálogo, gratuitamente.

que garantia à ilha sua autossuficiência, além da tutela em arte pelo Antigua Artists Group, seu treinamento em botânica e plantio e uma boa dose de conhecimento familiar das suas avós e tias permitiram o sucesso ao jovem Walter, apesar de suas excentricidades⁴.

Antigua tem oficialmente 279 quilômetros quadrados no sentido geográfico insular. Antigua está isolada de qualquer outra massa terrestre por uma média de 30 quilômetros. Há dois golfos principais, que eu mesmo naveguei nas menores embarcações possíveis por muitos anos, de modo que é impossível para qualquer navegante à deriva aproximar-se de qualquer ponto, sem ser percebido a tempo. Isso deu à nossa pequena ilha uma enorme importância estratégica para a Marinha Real Britânica.

Para compensar a falta de recursos da família, o rico senso imaginário que Walter atribuía aos direitos hereditários crescia, e o jovem impressionável se alimentava de histórias fantásticas, com carruagens douradas, palácios antiguanos, vastos jardins floridos, e levava duas vidas paralelas – uma com o nome “privado” de Charles II. Citando o monarca, Walter constata que logo após a Restauração de 1660, Charles II (que de acordo com Walter era conhecido “intimamente” por Francis Walter) declarou ao Parlamento Britânico: “Tenho outras posses particulares nas Américas e nas Índias Ocidentais; não tenho necessidade de reinar na Grã-Bretanha pois poderia viver de modo mais próspero nas minhas plantações do Novo Mundo! Lá encontrarei minha paz!” Lucy Walter e o filho de Charles II, o Duque de Monmouth, foram poupados da morte, de acordo com Walter, disfarçado de menino negro e contrabandeado secretamente do palácio até Antigua, onde gozou de uma infância saudável aninhado na pitoresca Rendezvous Bay. Quando cresceu, tornou-se artista, que embora conhecido, adotou a vida de um recluso. Se a última parte desse conto fantástico remete à vida de Frank Walter, decerto é intencional. Essa intersecção curiosa de fantasia, genealogia, história e autobiografia é característica de Frank Walter, especificamente em suas complexas ligações com as artes, a música, a poesia, a prosa e as experiências de uma vida que soa como ficção.

Frank Walter envolveu-se com o universo. Seu ponto de partida era o cosmo, e dali ele expandia às alturas. Combinava de forma única personalidades distintas: a de companheiro de dança afável, artista-filósofo pensativo, inconformista com aparentes dificuldades psicológicas e pessoa articulada com sotaque surpreendentemente elegante. Essas o permitiam a amplitude necessária para capturar, artisticamente, as nuances de pessoas de outros tempos e dimensões, tornando-as acessíveis e atraentes aos outros, a quem talvez faltasse a imaginação para tanto.

Transportando o gabinete de curiosidades de Frank Walter no último trecho do regresso

Prejudicada pela pobreza, a jornada marítima de Walter do Reino Unido e da Europa tornou-se ainda mais complicada por conta de um baú imenso que ele sentia necessidade de segurar por uma quantia mirabolante, visto que continha, de acordo com ele, “toda sua personalidade”⁵. O baú abstruso era mais um gabinete de curiosidades personalizado, com uma coleção artisticamente organizada de suas anotações, esboços, composições musicais, fitas magnéticas e mesmo pinturas que havia feito durante suas viagens e que desejava apresentar aos seus conterrâneos em Antigua, num ato generoso de pô-los em contato com o que ele acreditava ser um modo de vida mais elevado. Mais do que uma seleção de efemérides cuidadosamente compilada, dentro dessa carga preciosa havia suas memórias indelévels de paisagens, eventos e interações humanas – todas simultaneamente arquivadas em sua mente, recontadas em pintura, escultura, escrita e música até os últimos dias de sua vida.

⁴ No tocante à situação psicológica de Walter, ver o ensaio da neurocirurgiã Caitlin Hoffman em *Frank Walter, The Last Universal Man* (Santa Fe: Radius Books, 2017): 334–335.

⁵ “Minha maior preocupação era quanto ao meu baú. Para recuperar minhas notas, não me imaginava passando mais Oito Anos na Europa, cobrindo o mesmo território de pesquisa. Afinal o meu baú continha toda minha personalidade, abrangendo séculos de civilização. Continha as parcas e mal construídas anotações mal completas, mas ainda assim marca a primeira vez na história de nossos Povos do Novo Mundo, um Cidadão do Novo Mundo havia assumido tomado o cuidado necessário, e assumido as dores de iluminar a nossa própria existência e ânsia nessas partes. Aquilo dizia a verdade sobre de onde viemos, não em descrições meramente geográficas ou histórias de lugares e coisas, mas uma inspeção mais profunda das pessoas que nos compuseram, suas filosofias, vícios e virtudes. O que eu havia trazido para casa é a verdadeira antropologia e química cerebral de nossos Povos do Novo Mundo. Eu trazia para casa o bom remédio da verdade, para todos nossos Povos do Novo Mundo, e levou muitos dedos congelados, um dia sem comida, muitas estações desempregadas para eu conquistar o que conquistei. Enfim, eu trazia no meu baú os componentes da minha personalidade, e por isso era tamanha a preocupação...”

Como estudioso do latim, durante suas viagens Walter aprendia línguas com facilidade. Como botânico treinado, interpretava culturas como um horticultor, com famílias, gêneros e espécies, e usava seu gênio para conectar culturas díspares, identificando variantes e fornecendo genealogias extensas, caprichosas, que as articulassem entre si. Aplicou todas as formas de conhecimento à pintura, escrevendo que o artista moderno leva uma vida na maior parte solitária, em busca de “estados de espírito” no lugar de “ordens naturais” – “o que o artista procura expressar revela o radical.”

Suas representações de árvores têm muito em comum com seus retratos de pessoas. Nas suas pinceladas cuidadosas, fica imediatamente claro que Walter tem uma compreensão da horticultura e dos sistemas naturais que sustentam a existência de um dado espécime. Com a eficiência do traço, Frank Walter compartilha tudo que precisamos saber sobre uma dada planta e a comunidade ao seu entorno. Na próxima pincelada, ele empurra o espectador para a abstração. Os ramos balançam em uma brisa leve, mas, de repente, se torcem na horizontal ou entortam para baixo. Conforme transforma habilmente o céu de um azul pálido ao vermelho sangue, a folhagem de verde a turquesa, o mar do azul ao cinza, ficamos intrigados, aventurando-nos num mundo pouco familiar, ainda por fazer. Ele consegue nos convencer de que tudo isso faz sentido: e assim desloca nosso modo de ver como poucos outros pintores. Novamente, é a sua biografia complexa que nos fornece a solução do enigma, pois Walter era um horticultor instruído, com gênio de poeta.

Walter costumava usar troncos de árvore pretos como dispositivos de enquadramento, frequentemente vistos como elemento organizador em sua série de paisagens minúsculas, a maior parte das quais data de 1984. Trabalhando como um miniaturista, Walter empregava um pincel feito a mão que chegava à espessura de um cílio, usado para traçar as sombras das árvores ou o dorso de uma onda conforme quebrava. Como todas as suas pinturas, essas obras foram feitas em segredo, destinadas a uma exposição que nunca aconteceu. Os trabalhos não apareceram até serem presenteados, mais tarde, a seu sobrinho e à sua sobrinha. Tive a sorte de ser apresentada ao artista por sua família nesse momento, e embora tivéssemos tido muitas conversas sobre obras específicas, não foi possível discutir cada uma das 5000 pinturas.

Artista inspirado pela natureza, Walter acreditava possuir talentos especiais que o permitiam acessar as “transformações coloridas” da natureza, gravando suas observações para a posteridade. Em sua teoria pessoal da cor, o amarelo era uma das mais impactantes cores numa pintura de paisagem. Como explicação, dizia que ela era poderosa pois misturava a cor “celestial” (azul) com a cor “terrestre” (verde). Decorrente da natureza, essa fórmula conecta todas as suas paisagens pintadas, particularmente aquelas mais geométricas, como na série de flora dourada vista acima. Novamente, seus troncos e ramos de árvore organizam uma dada composição, e o esquema de cores é uma combinação aprazível de verde e amarelo, enquanto tudo se transforma em abstração. Nas duas maiores obras douradas, feitas no verso de fotografias, Walter introduz a fauna, em uma delas, na forma de dois pássaros brancos, na outra retrata uma vaca plácida mastigando cana de açúcar.

O que aparece no verso de suas pinturas sobre fotos é tão interessante quanto a frente, e sempre intencional, com imagens de pessoas compartilhando conosco, silenciosamente, biografias do povo de Antigua.⁶ Retratos de mulheres caribenhas serenas, conjuntos de quatro impressões mostrando crianças antiguanas esguias e fotos de hotéis turísticos se combinam para transmitir outra história por trás da pintura do artista. Conforme o trabalho de Walter transita da representação literal à abstração, novos mundos entram em foco diante do espectador desavisado, e esses elementos somam-se à sua fórmula. A conexão entre essas pinturas acende sua própria constelação, formando impressões de um artista sempre forçando a vista para acolher todo seu universo, traduzindo-o em beleza e verdade estonteantes, para a contemplação dos outros.

Nada era acidental para Frank Walter. Tudo era destino. Como artista, atribuía a si próprio e a outros artistas a capacidade, mais ainda, a responsabilidade de criar “incidentes” na vida dos outros pela expressão da arte.

É como se o ser humano fosse um espectador inocente, ou alguém que ativamente se preocupa com os funcionamentos da natureza. Os poucos de nós que se preocupam são em geral vistos como Artistas. Certamente todos os seres humanos contemplam o fenômeno das transformações coloridas da Natureza, mas poucos de nós são capazes de capturar as cenas e cores em gravações, deixadas para a posteridade.

⁶ As pesquisadoras Krista Thompson e Kalani Michell tem estudos sobre as inovadoras pinturas em fotografia de Frank Walter.